

Uma análise do movimento de incubadoras de empresas de Alagoas: diagnóstico e soluções em um estado periférico

Autor: João Geraldo de Oliveira Lima - Centro Universitário CESMAC, Rua Conego Machado, 918, Farol, Maceió – AL, Fone: (82) 3215-5144, e-mail: jgolima@gmail.com

Co-autor: Tatyana Lima Marinho - Universidade Federal de Alagoas, Campus A.C. Simões - Maceió-AL, e-mail: taty72oliveira@gmail.com

Co-autor: José Ednaldo Ferreira Junior - Centro Universitário CESMAC, Rua Conego Machado, 918, Farol, Maceió – AL, Fone: (82) 3215-5144, e-mail: smartphonejr@gmail.com

Co-autor: Anna Clara Marques de Melo - Centro Universitário CESMAC, Rua Conego Machado, 918, Farol, Maceió – AL, Fone: (82) 3215-5144, e-mail: anninhamello@gmail.com

Abstract

In a competitive and global society, differentiation of business is innovation, The development of innovative business and with a high degree of dynamism, requires structured and developed, environments not only outside of Brazil, but within the huge asymmetries found in some remote regions in Brazil, such as Alagoas. Thus, the focus of this study are the Business Incubator of Alagoas that composing the Network of Business Incubator in Alagoas – RAIE. The research analyzes the governance process of each incubator and its sustainability, as well as identification of projects installed, its profile, number of employees, their products and areas of activity. In order to demonstrate that even a state with one of the worst social and economic indicators in Brazil, can reduce their imbalances and create a healthy competitive and technological environment for new innovative business.

Keywords: Business Incubators, Sustainability, Governance, Indicators.

Resumo

Em uma sociedade competitiva e global, a diferenciação das empresas é pela inovação. O desenvolvimento de negócios inovadores e com elevado grau de dinamismo, requer ambientes estruturados e desenvolvidos, não só fora do Brasil, mas dentro das enormes assimetrias regionais encontradas em algumas regiões periféricas brasileiras, como é o caso de Alagoas. Assim, o foco deste estudo são as incubadoras de empresas de Alagoas que compõe a Rede Alagoana de Incubadora de Empresas – RAIE. A pesquisa analisa o processo de governança de cada incubadora e sua sustentabilidade, assim como a identificação dos empreendimentos instalados, seu perfil, quantidade de funcionários, seus produtos e ramos de atuação. A fim de demonstrar que um estado mesmo com um dos piores indicadores sociais e econômicos do Brasil, pode reduzir suas assimetrias e criar um ambiente tecnológico competitivo e saudável para novos negócios inovadores.

Palavras-chave: Incubadora de Empresas, Sustentabilidade, Governança, Indicadores.

1. Dinâmica de Inovação

Em uma sociedade competitiva e global a diferenciação das empresas é pela inovação, tornando-se um importante fator de desenvolvimento das micro, pequenas e grandes empresas. Portanto, os mercados são dinâmicos, mudando diariamente. Para enfrentar as mudanças em mercados cada vez mais competitivo a empresa precisa se reinventar tornando os negócios cada vez mais atrativos ao cliente.

As definições de inovação são diversas e refletem, em sua maioria, realidades locais de desenvolvimento. Neste trabalho não será discutido os conceitos de inovação, será empregada a visão schumpeteriana como referencial teórico para as discussões.

A visão de inovação preconizada por Schumpeter está ligado ao conceito das realizações de “novas combinações”. As novas combinações serão a essência ou limiar do conceito de inovação, que se baliza em cinco casos: (1) introdução de um novo bem; (2) introdução de um novo método de produção; (3) abertura de um novo mercado; (4) conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas; e (5) estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria (SCHUMPETER, 1988, p.48).

Complementando esse conceito, Edquist 1997 (apud Lundvall, 1992; Elam, 1992) observa que novas combinações, em geral, nascem de novas empresas e não de empresas que já estão consolidadas e culturalmente paradas no tempo pelo comodismo natural dos grandes conglomerados empresariais detentores de grandes fatias do mercado. Dessa forma, diversos estudiosos utilizam o termo “*novas combinações*” para definir inovação. De acordo com a Carvalho (2009, p.01) inovação é:

a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas.

A visão sobre inovação contida no Manual de OSLO¹ da OECD², pode resumida no quadro 1:

Quadro 1 – Principais conceitos de inovação

Tipo de Inovação	Definição
Inovação de Produto	É a introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente melhorado com relação aos produtos existentes, tanto de características funcionais, como de usos previstos
Inovação de processo	É a implementação de um método de produção ou distribuição novo ou significativamente melhorado. Os métodos de produção envolvem técnicas, equipamentos e/ou softwares utilizados para produzir bens e serviços. Já os métodos de distribuição dizem respeito à logística.
Inovação organizacional	É a implementação de um novo método organizacional, que pode ser uma nova prática de negócio da empresa, uma nova organização do local de trabalho ou nas relações externas.
Inovação de marketing	Implementação de novos métodos de marketing, como mudanças no design do produto e na embalagem, na promoção do produto e

1 Manual de OSLO - Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação Tecnológica (disponível em: www.oecd.org/sti/inno/2367580.pdf).

2 OECD - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (<http://www.oecd.org/>)

	sua colocação no mercado, e de métodos de estabelecimento de preços de bens e de serviços.
--	--

Fonte: CARVALHO, 2009, p.04 (Adaptado pelos autores)

Outra visão abrangente de inovação se refere à introdução de conhecimento novo ou de novas combinações existentes, dentro de uma visão geográfica, isso é o que é inovação em um país ou em um estado pode não ser para outro. Segundo Santos (2003)³, a inovação é uma ideia, uma prática ou um objeto percebido como novo pelo indivíduo, também como qualquer técnica, organização ou ideia nova que se espalha, ou mesmo a transformação de invenções em fatos históricos.

O aproveitamento de tecnologias geradas dentro ou fora da empresa depende quase que exclusivamente da capacidade de aprendizado da organização, bem como do seu Know-why e Know-how (LALL, 2005). As firmas, no entanto, aprendem a taxas diferentes e de acordo com modos e regras de comportamento específicas à sua história, à sua organização interna e ao seu contexto institucional. Para tanto, necessitam de uma base de conhecimento pautada em insumos informacionais, conhecimentos e capacitações (NELSON; WINTER (1982); WINTER (1984)) e que possui caráter universal e tácito.

Segundo Polanyi (1967) tacitividade se refere àqueles elementos do conhecimento, como *insight* que os indivíduos possuem e que são mal definidos, não codificados, não publicados, que eles mesmos não podem expressar plenamente, e que diferem de pessoa a pessoa, mas que podem, em medida significativa, ser partilhados por colaboradores e colegas que tenham a experiência em comum. Inversamente, os insumos científicos são tipicamente universais e públicos, ou seja, seguem parâmetros, codificações e definições que conseguem ser melhor apropriadas pelas firmas.

Após os anos 60, novos estudos tentam esclarecer o real entendimento sobre inovação, que para Schumpeter não estava claro sendo definido como mudanças na função de produção que não podem ser decompostas em passos infinitesimais. Pesquisas posteriores demonstram que a inovação não é mais vista como um processo de descoberta de novos princípios científicos ou tecnológicos e, sim, como um processo de aprendizado não linear. A partir de 1970, percebe-se que inovação não é um ato isolado e, sim, um processo de múltiplas fontes, derivados de interações complexas entre vários agentes.

O desenvolvimento de inovação em um município, Estado ou país está ligado de forma muito “forte” à interação dos agentes inseridos em um ambiente neste sistema. Esses agentes em princípio podem ser identificados como a academia, o governo e o setor produtivo, além de suas derivações. Contudo, o ambiente no qual a inovação surge deve ser dinâmico o suficiente para proporcionar o surgimento de interações, pesquisas, soluções tecnológicas, produtos e serviços que enriqueçam o “locus” de atuação dos atores envolvidos no arranjo.

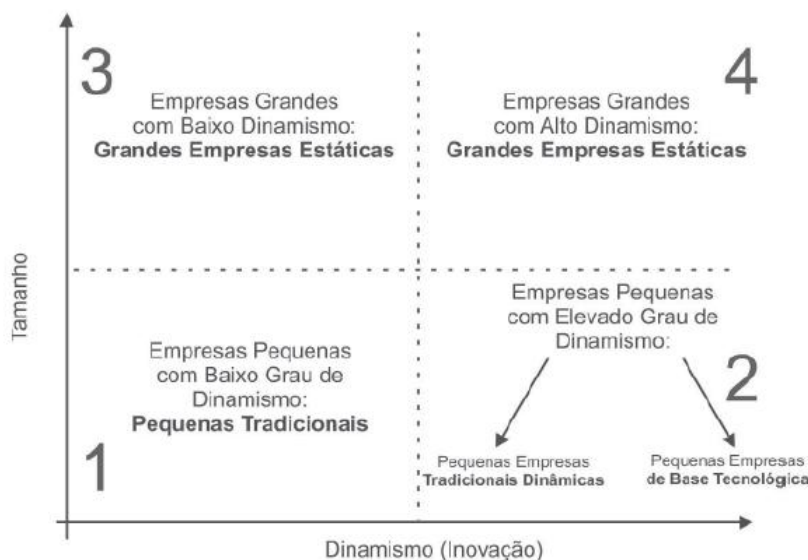
2. Interpretação gráfica do Modelo Taxonômico de Linsu Kim - MTK

Há divergência na literatura especializada sobre a classificação de como as empresas inovam. Uma visão clara da tentativa de nomear as empresas foi desenvolvida por Linsu Kim conforme Figura 1.

³ Santos (2003) apresenta as visões de Rogers (1971), Pedersen (1970), Friedmann (1973) e Mabogunje.

“... as empresas podem ser classificadas em quatro grupos de acordo com duas variáveis: o tamanho e o dinamismo. Empresas grandes com baixo grau de dinamismo podem ser chamadas de grandes empresas estáticas; as grandes com alto grau de dinamismo são grandes empresas dinâmicas; as pequenas com baixo grau de dinamismo, pequenas empresas tradicionais. E, por ultimo, as pequenas empresas com alto poder de dinamismo podem ser subdivididas em dois grupos: pequenas empresas tradicionais dinâmicas e pequenas empresas de base tecnológica. As primeiras são dinâmicas em ramos de tecnologia madura, e as segundas em áreas de alta tecnologia” (Kim, 2005, p.257)

Figura 1 - Adaptação gráfica do Modelo Taxonômico de Linsu Kim



Então os empreendimentos são divididos em quatro quadrantes.

Q1: Empresas com baixos conteúdos de inovação destacando-se na figura de empreendedor por necessidade, que busca abrir uma empresa por imposição do momento, tendo suas vantagens o aproveitamento de recursos naturais. Aqui se enquadra as empresas que se preocupa com o mercado local.

Q2: Realiza empreendimentos reduzidos, tendo capacidade de empreender com moldes schump teríamos, agregando valores e crescendo através de suas atividades competitivas usando em pequenas empresas que tenha bases tecnológicas na inovação.

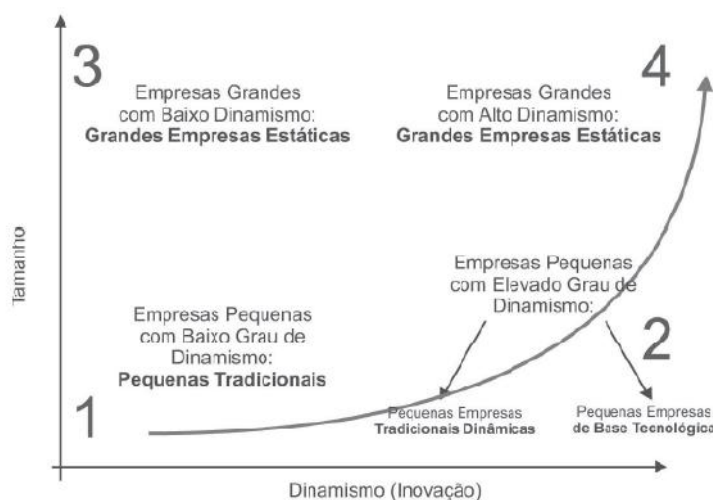
Q3: São encontradas empresas estáticas ganhando escala com o baixo dinamismo inovador. São empresas de base, produtoras de commodities utilizando recursos naturais abundantes agregando valores a seus produtos e serviços.

Q4: Empresas com alta capacidade de inovar, sendo elas com bases tecnológicas stricto sensu ou com bases tradicionais. Empresas de grandes portes (ex: indústria automobilística).

A divisão proposta por Kim serve de referencia para a busca de oportunidades de entendimento de como as empresas aprendem e evoluem, demonstrando que nem todos os

caminhos são possíveis de serem alcançados, como demonstrado na figura 2, o caminho ideal de crescimento da empresa

Figura 2: Caminho Q1 → Q2 → Q4: uma via possível de crescimento empresarial



Logo se acredita que a mudança de quadrante pelas empresas se dar pelo apoio de ambientes estruturados de desenvolvimento empresarial, por meio de políticas públicas direcionadas ao incentivo a novos mercados, a inovação ao desenvolvimento de tecnologia e inovação nas pequenas empresas como mostra a Figura 2.

3. Habitats de inovação

A delimitação do espaço sempre foi uma necessidade do ser humano. Observam-se, na história, inúmeros relatos de luta pela delimitação do espaço para edificar construções, para plantar e criar animais. Atualmente não é diferente, mesmo não existindo mais guerras ou terras virgens para serem conquistadas, povoadas e loteadas. Não obstante, a delimitação do espaço sempre foi crucial para as ações da humanidade.

O espaço é de interesse de várias áreas do conhecimento: a geografia, a matemática, a física, a filosofia, a arquitetura e a economia. Todas utilizam conceitos próprios de espaço, que se encaixam em suas necessidades. A sociedade moderna se acostumou a ter o espaço como referência geográfica, com separações por ruas, bairros, distritos, cidades e estados. A separação política e geográfica ajuda os governos a identificarem problemas específicos ou gerais, visualizarem grupos de pessoas ou empresas, determinarem políticas públicas, para solucionar problemas específicos ou genéricos.

Para esse trabalho tomar-se-á a definição de habitats de inovação ou ambiente inovador da ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores, onde (ANPROTEC, 2002 p.57):

- (a) Espaço relacional em que a aprendizagem coletiva ocorre mediante a transferência de know how, imitação de práticas gerenciais de sucesso comprovado e implementação de inovações tecnológicas no processo de produção. Nesse ambiente é intenso o intercâmbio entre os diversos agentes de inovação: empresas, instituições de pesquisa e agências governamentais;
- (b) ambiente que congrega fatores favoráveis ao processo de inovação contínua.

Apesar de a definição supracitada trazer a similaridade dos conceitos de habitat e ambiente, cabe fazer a ressalva que o habitat está mais relacionado ao geofísico, enquanto o ambiente engloba valores, cultura, educação e outros itens eventualmente intangíveis ou difíceis de

delimitar. O que vale a pena ressaltar é que um habitat de inovação congregaria os dois aspectos: o tangível, referente aos aspectos físicos, e o intangível quanto ao intelectual, educacional e de relacionamento.

Nas áreas sociais e econômicas, uma ampla e genérica taxonomia, tenta classificar a utilização do espaço pelo meio produtivo, agentes públicos e sociais. Um exemplo pode nascer do Desenvolvimento Local Integral e Sustentável (DLIS), adotado pelo SEBRAE, particularmente na virada do milênio, cuja abordagem tentava transformar as comunidades substituindo o papel do estado assistencialista por ações de fortalecimento da comunidade e seu território, com fulcro cooperativista e associativista.

Outro importante programa que trabalha o fortalecimento do território é o APL Arranjo Produtivo Local, que visa agrupar empresas de um mesmo segmento delimitado em um território, com o objetivo de fortalecer suas estratégias e seu posicionamento no mercado. Cassiolato e Lastres (2003, p. 27)

A criação de ambientes com o foco em desenvolvimento é um desafio encontrado pelos governos de todos os países. A implantação de políticas de atração de grandes empresas, a criação dos distritos industriais na década de 1970, a guerra fiscal travada por Estados e municípios brasileiros, são armas que os governos usam para gerar “desenvolvimento” ou “crescimento”, dependendo do contexto e da ideia do que cada uma das duas palavras signifique para o gestor.

Os habitats de inovação têm sua origem na Universidade de Stanford, no Estado da Califórnia. Posteriormente essa região viria a ser conhecida pela formação do Vale do Silício, com uma gigantesca reunião de empresas de tecnologia. Esse desenvolvimento não surgiu do nada, segundo Spolidoro (1997, p.21):

Essa sinergia de um ambiente acadêmico e da indústria, aliada a outras condições – como elevada educação do povo, a organização adequada do território, uma alta qualidade de vida e políticas locais e nacionais favoráveis, propiciou uma extraordinária multiplicação de empresas e de produtos revolucionários na região, como ilustrado pelo microcomputador.

A necessidade da existência de uma governança que gere a sinergia necessária dentro do locus de atuação dos atores responsáveis por criação de políticas públicas, de geração de programas em um habitat, é o lastro de sustentação de um arranjo rico e positivo de criação, inovação e desenvolvimento.

A formação de habitats de desenvolvimento e inovação é uma das políticas desenvolvidas pela ANPROTEC, instituição criada em meados de 1987, com o objetivo de dar apoio à criação e ao desenvolvimento de incubadoras, parques e pólos.

A dinâmica da relação dos agentes locais favorece o surgimento de ambientes de inovação como incubadoras de empresas⁴, pólos tecnológicos⁵, arranjos produtivos locais⁶ e distritos

⁴ “(a) Agente nuclear do processo de geração e consolidação de micro e pequenas empresas; (b) mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas (...); (c) agente facilitador do processo de empresariamento e inovação tecnológica para micro e pequenas empresas” ANPROTEC (2002 p.59-60).

⁵ Um pólo (do grego pólos, eixo) é uma aglomeração de instituições com interesses correlatos e que atuam de forma articulada no âmbito de um determinado território. Quando essa atuação é estimulada por uma entidade coordenadora,

industriais, entre outros. A existência de um eficiente arranjo institucional no território de implantação de alguns desses mecanismos são apontados por instituições como SEBRAE e ANPROTEC um indicador crítico de sucesso tanto de implantação como de manutenção dos ambientes.

A taxonomia dos habitats de desenvolvimento e inovação são complexas e adaptativas ao ambiente no qual estão inseridas, na busca de uma maior interação entre os governos, as empresas e as universidades e centros de pesquisas resulta em processos locais de transformação, não só do projeto de desenvolvimento, mas das próprias instituições envolvidas (Lahorgue et.al, 2004).

Os habitats de inovação são, portanto, ambientes propícios para difusão e promoção de desenvolvimento tecnológico de forma sinérgica entre todos os agentes do sistema.

Metodologia

Foi percebido que a rede alagoana de incubadora de empresas e empreendimentos inovadores - RAIE, é informal e não dispõem de estrutura para coleta e manutenção de dados, criando assim uma lacuna importante de informações para acompanhamentos, análises e providências. Neste contexto, foi desenvolvido um processo metodológico de diagnóstico a fim de estudar a real situação das incubadoras de empresas de Alagoas e de suas empresas.

O processo metodológico desenvolvido para se chegar aos resultados seguiu alguns passos que foram essenciais para um entendimento mais direto do ambiente, já que não existem registros das incubadoras na rede.

A primeira etapa foi o desenvolvimento de uma pesquisa exploratória com as instituições de Alagoas para identificar a existência de incubadoras ou outros habitats que podem ser chamados de incubadoras de empresas. A segunda foi montar um questionário com um cunho mais exploratório de coleta de dados para subsidiar a rede de informações futuras e balizar este trabalho com informações relevantes de análises. A terceira se desenvolveu fazendo um questionário também exploratório junto as empresas informadas pelas incubadoras, com o intuito de entender suas necessidades atendidas, suas necessidades não atendidas, suas expectativas e o perfil de seus sócios e funcionários. Na última etapa antes do relatório é feito a aplicação das entrevistas, com a posterior transcrição e consequente tabulação dos dados em uma tabela para facilitar a interpretação das respostas e suas ligações.

Abrangência do Estudo:

O foco do estudo são as incubadoras de empresas da RAIE utilizando-se como base o cadastro de incubadoras formalizadas e com empreendimentos até maio de 2012.

População Envolvida:

A população envolvida é formada pelas incubadoras de empresas e empreendimentos instalados dentro das incubadoras ou por elas apoiados. O levantamento inicial identificou 6 incubadoras e 57 empresas incubadas.

formalmente constituída, tem-se um pólo com estrutura formal, é uma forma simplificada e podendo ser considerada inicial de um parque tecnológico (SPOLIDORO, 1997).

⁶ De acordo com a Rede de Pesquisa em Sistema e Arranjos Produtivos e Inovativos Locais - REDESIST: “Arranjos Produtivos Locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedores de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos, como escolas técnicas e universidades; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento” (LASTRES; CASSIOLATO, 2003, p.03).

Resultados

4. Dinâmica de inovação em estados periféricos

O estado de Alagoas encontra-se na parte leste do Nordeste do Brasil, sendo o segundo estado mais pobre do país, levando-se em conta o índice de desenvolvimento humano - IDH, com um índice de pobreza de 59% e uma desigualdade social medida pelo índice de gini de 0,47, com uma população em 2010 estimada em 3.120.494 habitantes e contanto com 102 municípios, segundo dados do IBGE. (IBGE, 2010).

Com uma economia baseada na monocultura e agroindústria da cana-de-açúcar, com uma economia com baixo dinamismo, tem lutado por nos últimos 5 anos para criar um ambiente de atração de novos empreendimentos e de melhoria na dinâmica econômica, com o desenvolvimento dos segmentos: petroquímico, metalmecânico, cloro-soda, e o fortalecimento das micro e pequenas empresas.

Nesse cenário Alagoas dispõem de 6 incubadoras de empresas, a saber: INCUBAL – Incubadora de Alagoas, mantida pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, com unidades em Maceió, Arapiraca e Penedo; IET – Incubadora Empresarial Tecnológica mantida pelo Centro Universitário CESMAC; Núcleo Espaço Gente, mantida pela Universidade Federal de Alagoas; NIEP – Núcleo Incubador de Empresa Pindorama, mantida pela Cooperativa Pindorama; INCLA – Incubadora de Laticínio, mantida pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAI; UNITEC – Incubadora mantida pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL.

A cultura de incubadoras já foi amplamente difundida no estado, incentivada por uma política de expansão patrocinada pelo SEBRAE/NA, com a indução de editais de implantação e editais de manutenção. Esse processo de expansão criou em Alagoas mais de 14 incubadoras entre os anos 2000 e 2007, em vários municípios do estado.

Nessa pesquisa apenas 5 incubadoras responderam aos questionários, que foram aplicados presencialmente e por meio eletrônico. A pesquisa identificou que neste ambiente existem 57 empresas em processo de incubação contempladas em diversos níveis os quais são pré-incubação, incubação e empresas associadas, nos seguimentos industrial, comercial e de serviços, resumidos no Quadro 1.

Quadro1- Resumo das características das incubadoras

Incubadora (Mantenedor)	Localidade	Nº de Empresas Incubadas (Atualmente)	Infra-estrutura física	Principais Serviços oferecidos	Pessoal envolvido na gestão da incubadora	Recursos Financeiros
INCUBAL (UFAL)	Maceió, Arapiraca e Penedo	12	- Não tem prédio próprio - Incubação ocorre em diversos prédios pelo Campus	- Apoio a elaboração de projetos - Serviços de Consultoria e assessoria - Acesso a laboratórios	4	Custo assumido pelo mantenedor e captações de recursos por editais
IET (FEJAL)	Maceió	10	-Sede própria e exclusiva -Sala equipada com mesas, cadeiras e computadores;	- Serviços de Assessoria e Consultoria - Acesso a laboratórios	2	Custo assumido pelo mantenedor e captações de recursos por editais
Núcleo Espaço Gente (UFAL)	Maceió	4	-Sede própria - Sala equipada com mesas, cadeiras e computadores	- Serviços de Assessoria e Consultoria - Acesso a laboratórios	Divide o pessoal com a Incubal	Custo assumido pelo mantenedor e captações de recursos por editais
NIEP (Cooperativa Pindorama)	Coruripe	5	-Sede própria	- Serviços de Consultoria e Assessoria	2	Custo assumido pelo mantenedor e captações de recursos por editais
INCLA (SENAI)	Vários Municípios da Bacia Leiteira	12	-Escritório de apoio	- Incubação não presencial - Apoio e consultoria na área de produção e qualidade e finanças	2	Custo assumido pelo mantenedor e captações de recursos por editais
UNITEC (IFAL)	Maceió	4	-Sede própria no campus da universidade - Salas equipadas com mesas, cadeiras e computadores	- Serviços de assessoria e consultoria	2	Custo assumido pelo mantenedor e captações de recursos por editais

Fonte: desenvolvido pelos autores

A análise das entrevistas mostra a importância das informações para a proposição e ações e definição das estratégias de atuação política da rede e das incubadoras, nesse cenário ficou evidente as necessidades financeiras e de pessoal, assim como de apoio e reconhecimento interno nas instituições.

O depoimento coletado nos questionário apresenta como descrito da frase de dois entrevistados que pessoal é o grande gargalo das incubadoras ***“Pessoal: a Universidade não tem quadro de pessoal que seja passível de gerir a incubadora com a função de Analista. Via de regra conta-se com bolsistas.”***, ***“falta de profissionais/consultores específicos à área em questão pessoal técnico na incubadora”***

As universidades mantenedoras, não dispensam seus técnicos para o trabalho dedicado a incubadora, tão pouco seus professores, que tem que fazer jornadas duplas ou triplas, como expresso por um dos entrevistados ***“por amor a causa”***.

Outro problema enfrentado é relativo a finanças, a taxa de incubação varia de R\$ 50,00 a R\$ 400,00 valor insuficiente para cobrir os custos operacionais das incubadoras, mesmo que este seja o objetivo supremo de sustentabilidade financeira, essa situação é ainda mais complexa quando a incubadora diz não conhecer quanto ela custa, como descrito ***“Não possuo esses dados.”***, esta realidade se aprofunda no não acompanhamento financeiro da incubadora e o não levantamento de indicadores de desempenho.

O modelo de governança ainda é fragil, devido a pouca quantidade de incubadoras no estado, ao desinteresse ou não entendimento do mecanismo de incubação por parte dos mantenedores e da existência de uma única grande incubadora de referencia, que tem condições técnicas e humanas de captação de recursos junto a órgão financiadores como CNPQ e FINEP.

A fragilidade da governança se reflete e é apresentada dentro da própria rede, onde as relações são extremamente levadas no cunho pessoal, fortalecida pelo conhecimento e confiança individual dos técnicos envolvidos e não das instituições envolvidas.

A rede de incubadoras RAIE⁷, não é formalizada e é baseada nas relações construídas nos “CPFs” das pessoas a frente das incubadoras, não sendo seu papel institucional fortalecido entre os parceiros e mantenedores.

O cenário atual impede a criação de critérios justos de qualificação das incubadoras da Rede Alagoana de Incubadoras, pois as assimetrias são tão amplas que as comparações poderiam ser injustas e desmedidas. Sabe-se que as incubadoras cumprem seu papel como previsto em sua missão, entretanto sem condições atuais de medição ou de qualificação.

Essa condição poderá ser ajustada com a implantação do modelo CERNE⁸ - Centro de Referência para apoio a Novos Empreendimentos, que nessa primeira etapa estará compreendendo 3 incubadoras da rede alagoana e na próxima rodada as outras três. O CERNE possibilitará uma padronização de processos e geração de informações

⁷ <http://www.vamosinovar.com.br/>

⁸ O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores - Anprotec trabalharam juntos para construir um novo modelo de atuação para as incubadoras brasileiras. A plataforma denominada Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos – CERNE visa promover melhoria expressiva nos resultados das incubadoras das diferentes áreas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos.

Esse modelo de incubação de empresas busca suprir a necessidade das incubadoras em ampliar a capacidade de geração sistemática de empreendimentos de sucesso. Com a implantação do CERNE, a incubadora passa a atuar de forma proativa na promoção do desenvolvimento sustentável, com base na inovação.

padronizadas, que podem servir de base para medir a qualificação das incubadoras de Alagoas e do Brasil.

Atualmente poucos são os indicadores internos existentes nas incubadoras para o monitoramento de suas atividades, esses indicadores não são difundidos e com dificuldades de coleta por falta de pessoal nas estruturas das incubadoras e de padronização de processos.

Esse trabalho se propôs a construir um conjunto de indicadores de desempenho que sirva de base para a construção de políticas públicas de apoio a empreendimentos oriundos de incubadoras e das próprias incubadoras.

Quadro 2- Proposição de indicadores

Descrição	Fórmula
Captação de projetos (Anual)	Quantidade de Editais / Quantidade de propostas apresentadas
Impostos Gerados pelas Empresas	Soma de impostos / Quantidade de empresas
Postos de Trabalho	Quantidade de empregados / Quantidade de empresas
Remuneração média dos sócios e funcionários	Soma de salários pagos / quantidade de pessoal das empresas
Grau de instrução	Número de (Dr., Me., Esp,)/quantidade de pessoal das empresas

Fonte: Desenvolvido pelos autores

A segunda etapa do trabalho, a fim de suprir a rede de incubadoras de informações, foi levantado dados dos empresários e empreendimentos apoiados pelas incubadoras, ficando evidente que a dependência das incubadoras de recursos vindos de editais não contínuos gera deficiências no atendimento as empresas assim como a falta de pessoal e de padronização nos processos.

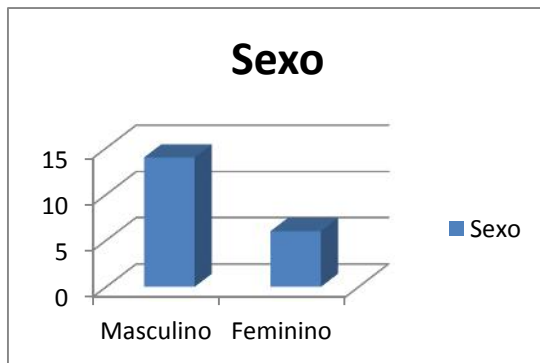
Um questionário foi enviado para as empresas pertencentes as incubadoras de Alagoas, de 47 questionários enviados houve um retorno de 17 empresas correspondendo a aproximadamente 36% das empresas. A aplicação continua a fim de se buscar um uma visão censitária nas 57 empresas, mostrar a realidade das empresas incubadas de alagoas.

Quanto aos empresários com empreendimentos ligados a incubadoras, o perfil é diverso, entretanto nas três incubadoras com viés tecnológico o perfil dos incubados é de alto grau de formação, o que pode representar uma mudança no paradigma tecnológico das empresas de Alagoas, em resumo são:

Contudo para esse trabalho será apresentado o resultado do perfil das 17 empresas respondentes.

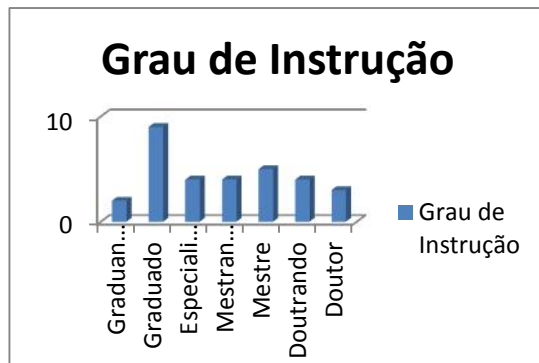
No Gráfico 1 percebe-se que os homens ainda são a grande maioria dos empreendedores alagoanos, seja como sócios ou como funcionários de empresas ligadas a incubadoras. Essa relação maior se dar nas empresas ligadas a incubadoras e empresas classificadas como tecnológicas, em incubadoras tradicionais o numero de mulheres é quase de 50%.

Gráfico 1



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2

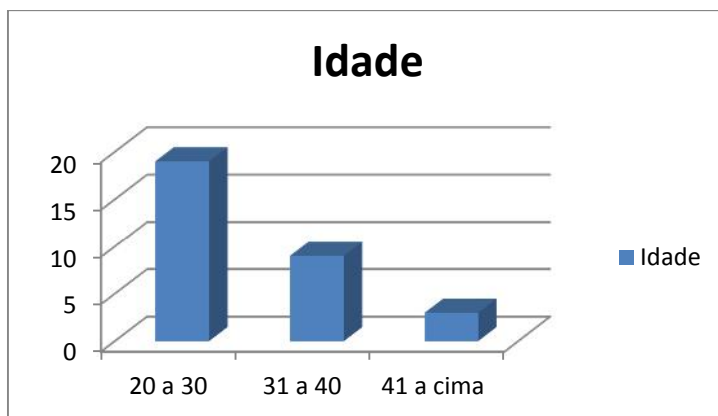


Fonte: Elaboração própria

Já no Gráfico 2 o grau de instrução das pessoas ligadas às empresas incubadas e com perfil tecnológico é bem significativo, com doutores, mestre e especialistas trabalhando diretamente nos processos produtivos das empresas. Esse perfil de instrução vem melhorando nos últimos anos, gerando nas empresas incubadas, produtos de maior valor agregado.

Os doutores e mestres das empresas são jovens e recém-formados, demonstrando que os apelos pela cultura do empreendedorismo desenvolvidos nos últimos anos junto a comunidade acadêmica surtem efeito.

Gráfico 3



Fonte: Elaboração própria

5. Conclusão

O trabalho se propôs a diagnosticar e discutir a real situação das incubadoras de empresas ligadas a rede alagoana de incubadoras de empresas, fazendo uma pesquisa exploratória com as instituições de Alagoas para identificar a existência de incubadoras ou outros habitats que podem ser chamados de incubadoras de empresas. A segunda foi montar um questionário com um cunho mais exploratório de coleta de dados para subsidiar a rede de informações futuras e balizar este trabalho com informações relevantes de análises. A terceira se desenvolveu fazendo um questionário também exploratório junto as empresas informadas pelas incubadoras, com o intuito de entender suas necessidades atendidas, suas necessidades não atendidas, suas expectativas e o perfil de seus sócios e funcionários.

A partir dos estudos desenvolvidos e dos levantamentos feitos, foi possível identificar que:

As incubadoras de empresas são habitats de baixo impacto geográfico, tomando como base a capilaridade de suas ações, em um estado ou mesmo em um município, logo é necessário uma grande quantidade de incubadoras com perfis diferenciados para atender as necessidades de desenvolvimento de um estado. Contudo as incubadoras sozinhas não levam ao desenvolvimento sustentável, só um conjunto de ações e políticas públicas com parques tecnológicos, incubadoras de empresas, pólos tecnológicos, arranjos produtivos locais, podem junto com ações planejadas e estruturadas, contribuir para a diminuição de assimetrias regionais e até nacionais.

O Brasil tem um programa de apoio a incubadoras estruturado no ministério da Ciência e Tecnologia, o PNI – programa nacional de incubadoras, entretanto ele não dispõe de uma regularidade de editais de apoio, já no estado de Alagoas não existe nenhum programa implantado ou em implantação sendo necessário que as incubadoras fiquem na dependência de editais de agências de apoio como FINEP e CNPQ. Esse cenário dificulta a manutenção dos habitats e de seus empreendimentos apoiados.

Um problema sério e sem solução em curto prazo é a falta da existência de uma política de Recursos Humanos para inovação nas universidades federais e estaduais, gerando assim a inexistência de pessoal dedicado ao empreendimento.

Os custos das incubadoras são assumidos em sua maioria pelas entidades mantenedoras, levando-se a perceber que não há sustentabilidade financeira, entretanto, é importante frisar que para muitos entrevistados as incubadoras nascem como política de desenvolvimento e não visão lucro.

O estado de Alagoas tem apenas 1 (uma) incubadora preminentemente tecnológica e outras 2(duas) incubadoras mistas, atendendo empreendimentos tecnológicos e tradicionais e as outras incubadoras puramente tradicionais, esse cenário reflete no baixo grau tecnológico dos empreendimentos atendidos e dos produtos gerados, com exceção da INCUBAL – Incubadora de Alagoas vinculada a Universidade Federal de Alagoas que mantém entre seus incubados Mestres e Doutores, vinculando seus produtos ao resultado de suas pesquisas.

Em relação as empresas percebe-se que a distancia dos grandes centros consumidores dificultam o acesso aos clientes.

Assim sendo a inclusão nos discursos do estado de Alagoas da necessidade do desenvolvimento de uma política pública de apoio as incubadoras de empresas será um grande diferencia para que o desenvolvimento econômico possa ser maximizado e interiorizado, reduzindo assim as assimetrias encontradas não só dentro do estado mas também no estado no nordeste com os outros entes da federação.

Referências

ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Tecnologia Avançada; SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Glossário dinâmico de termos na área de tecnópoles, parques tecnológicos e incubadoras de empresas. **In: BAÊTA, Adelaide Maria C.; NEVES DA SILVA, Rosa Maria (ORG)**. Brasília, ANPROTEC/SEBRAE, 2002.

CARVALHO, Marly Monteiro de. **Inovação: estratégias e comunidades de conhecimento**. São Paulo – Atlas, 2009.

EDQUIST, C. Systems of innovation approaches: Their emergence and characteristics. **In:** EDQUIST, C. (Ed.) **Systems of innovation. Technologies, institutions and organizations.** London: Pinter, 1997.

IPEA/IBGE/UNICAMP/SEADE. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil.** São Paulo: IE-Unicamp, 1999. Disponível no site: <http://www.eg.fjp.mg.gov.br/gestaourbana/arquivos/modulo01/mod1arq5.html>. Acesso em: 20 ago.2009.

CANUTO, Otaviano. **Mudança técnica e concorrência: um arcabouço evolucionista.** Campinas: UNICAMP/IE, 1992. Texto para discussão nº6.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H.; MACIEL, M. L.(Comp.). **Systems of innovation and development: Evidence from Brazil.** Cheltenham, RU: Edward Elgar, 2003.

KIM, Linsu; NELSON, Richard R. **In:** KIM, Linsu; NELSON, Richard R. (Org.) **Tecnologia, Aprendizado e Inovação: as experiências das economias de industrialização recente.** São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

LACERDA, Norma, MENDES ZANCHETI, Sílvio e DINIZ, Fernando. **Planejamento metropolitano: uma proposta de conservação urbana e territorial.** *EURE (Santiago)*. 2000, vol.26, no.79, p.77-94. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612000007900005&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 15 fev.2008.

LAHORGUE, M. A. et al. **Pólos, parques e incubadoras.** Brasília : Anprotec, Sebrae, 2004

LALL, Sanjaya. A Mudança Tecnológica e a Industrialização. **In:** KIM, Linsu; NELSON, Richard R. (Org.) **Tecnologia, Aprendizado e Inovação: as experiências das economias de industrialização recente.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.

LASTRE, H. M. Martins, CASSIOLATO, J. Eduardo. Apoio a Arranjos Produtivos no Brasil: moda e modo. **In:** LAGES, V. Nobre. TONHOLO, Josealdo (Org.) **Desafios de Competitividade em Arranjos Produtivos Locais: dinâmicas de inovação e papel das incubadoras de empresas e parques tecnológicos.** Brasília: ANPROTEC, 2006.

NELSON, R. R. e WINTER, S. G. **An evolutionary theory of economic change.** Estados Unidos: Harvard U. P, 1982.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record; 2003.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico.** 3ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

WINTER, Sidney G. **Schumpeterian Competition in Alternative Technological Regimes.** *Journal of Economic Behavior and Organization*, v. 5, n. 3-4, September- December 1984, p. 287-320.